

A INVISIBILIDADE DO RELIGIOSO NO “CRISTIANISMO DESCOLADO”: COMENTÁRIOS AO TEXTO DE CRISTINA ROCHA¹

Taylor de Aguiar²

Resumo: Neste texto, proponho um comentário sobre a invisibilidade do religioso que perpassa a ideia de “Cristianismo descolado”, formulada no artigo central deste fascículo por Cristina Rocha. Esse aspecto, sugiro, contribui para a construção de uma identidade que ultrapassa a noção de religião, associando-se a um cristianismo que dela prescinde. Para investir nesse ponto, reflito sobre questões com as quais tenho me deparado em minhas próprias pesquisas. Divido, assim, o comentário em duas partes. Na primeira, discuto a dimensão material do “Cristianismo descolado”, conforme suscitada por Rocha em seu diálogo com Birgit Meyer, e identifico lacunas ainda existentes no tratamento metodológico do tema; na segunda parte, converso com outro tópico de pesquisa, o *coaching*, entendendo que sua conformação como prática entrelaçada com o “cristianismo descolado” no contexto hodierno suscita a possibilidade de discutirmos a emergência de um cristianismo não religioso. O foco do argumento são as articulações entre o religioso e o secular no “cristianismo descolado”, onde moda e entretenimento não se detêm a um horizonte secular, aproximando-se do religioso – ou seja, daquilo que tentamos definir quando falamos da vida cotidiana de cristãos e do cristianismo. Sob essa forma, o religioso se transfigura em estilo de vida, ou em uma identidade cristã que não se mostra subsidiária da ideia de religião.

¹ Como citar: AGUIAR, Taylor de. A invisibilidade do religioso no “cristianismo descolado”: comentários ao texto de Cristina Rocha. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 24, n. 45, e140523, 2024.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com doutorado-sanduíche pelo Groupe Sociétés, Religions, Laïcités (GSRL), École Pratique des Hautes Études (EPHE), França. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos da Religião (NER/UFRGS). Editor assistente da Protesta y Carisma: Revista de Estudios del Protestantismo y el Pentecostalismo en América Latina y el Caribe. E-mail: taylorpdeaguiar@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2734-4888>.

Palavras-chave: Cool Christianity; Religião material; Juventudes evangélicas; Cristianismo não religioso.

*THE INVISIBILITY OF THE RELIGIOUS IN THE “COOL CHRISTIANITY”:
COMMENTS ON CRISTINA ROCHA’S ARTICLE*

Abstract: In this text, I propose a comment on the invisibility of the religious that permeates the idea of “cool Christianity”, formulated in the central article of this issue by Cristina Rocha. This aspect, I suggest, contributes to the construction of an identity that goes beyond the notion of religion, associating itself with a Christianity that dispenses with it. To invest in this point, I reflect on questions that I have come across in my own research. I therefore divide the comment into two parts. In the first, I discuss the material dimension of “cool Christianity”, as raised by Rocha in her dialogue with Birgit Meyer, and identify gaps that still exist in the methodological treatment of the topic; In the second part, I talk about another research topic, coaching, understanding that its conformation as a practice intertwined with “cool Christianity” in today’s context raises the possibility of discussing the emergence of a non-religious Christianity. The focus of the argument is the articulations between the religious and the secular in “cool Christianity”, where fashion and entertainment do not stop at a secular horizon, approaching the religious – that is, what we try to define when we talk about the daily life of Christians and Christianity. In this form, religion is transformed into a lifestyle, or into a Christian identity that does not appear to be subsidiary to the idea of religion.

Keywords: Cool Christianity; Material religion; Evangelical youth; Non-religious Christianity.

A antropóloga Cristina Rocha escreve o texto que ocupa o centro da presente edição de Debates do NER. Em “*Cool Christianity: The Fashion-Celebrity-Megachurch Industrial Complex?*”, a autora assinala aspectos primordiais associados à disseminação global de um novo estilo de cristianismo com grande popularidade entre jovens evangélicos de classe média – o que ela chama de “cristianismo descolado”, aproximando-se de outras classificações disponíveis, como “*Hipster Christianity*” (McCracken, 2010) e “*Disciple*

generation” (Sandler, 2006). Para Rocha, o “cristianismo descolado” se refere a um movimento que incorpora, desde o contexto precípua de megaigrejas com uma estética voltada ao público juvenil, “elementos apropriados da juventude secular e das culturas populares, como o estilo de vestimenta, a decoração corporal, o *design* gráfico moderno, a estética das redes sociais, a música *pop*, a cultura das celebridades e os métodos da indústria do entretenimento” (p. 3). Entre essas megaigrejas, destacam-se as australianas *Hillsong* e C3, comunidades religiosas que Rocha acompanha há vários anos em suas incursões etnográficas – presenciais e *online* – entre a Austrália e o Brasil.

O artigo comporta dados que complexificam o lugar da indústria da moda e da cultura de celebridades na formação do que a antropóloga denomina um “complexo industrial moda-celebridade-megaigreja” (p. 4) em torno do “cristianismo descolado”. Essa característica, na visão da autora, mobiliza o engajamento dos jovens com uma maneira de viver o cristianismo que rompe com concepções tradicionais de religiosidade e, de forma materialmente visível, transforma ambientes cômicos e vivências religiosas a partir de uma cultura juvenil secular. Enquanto o terceiro termo componente da equação do “complexo industrial”, a megaigreja, tem sido bastante estudado no âmbito das transformações “modernizantes” que atravessam o meio protestante evangélico nas últimas décadas, relacionando-se com mudanças profundas na música congregacional, por exemplo (Fath, 2008; Ingalls, Landau et al., 2013), os outros dois elementos – a moda e a celebridade – não têm recebido atenção no mesmo ritmo e proporção. Rocha visibiliza este fato e conclama os/as leitores/as a direcionarem seu olhar para processos de composição da identidade dessas juventudes evangélicas a partir dos mecanismos que justapõem o fenômeno religioso contemporâneo a lógicas de consumo e de entretenimento.

As ideias explicitadas no marco da análise de Cristina Rocha sobre o “cristianismo descolado” partem de uma abordagem material da religião, ou de uma perspectiva que enfatiza as articulações que possibilitam que tendências da indústria da moda e da cultura de celebridades referidas pela autora sejam materializadas nos corpos, nas igrejas, nas interações e

no cotidiano das juventudes que experienciam esse estilo de cristianismo. Trata-se de perceber, portanto, como a religião é estabelecida, sentida e vivida materialmente, em conexão com objetos, instrumentos, luzes, sons e sensações. A principal referência acionada para esse diálogo teórico com a chamada “religião material”³ é Birgit Meyer, antropóloga cujo programa de pesquisa e extenso trabalho dedicado à relação entre mídia e religião a levou à formulação de conceitos seminais para esse campo de estudos, tais como “formações estéticas” e “formas sensoriais”⁴. Rocha se inspira nessas formulações para organizar uma série de dados empíricos que demonstram como o “cristianismo descolado” é significado pelas juventudes que dele participam, “materializando a fé, construindo comunidades e tornando o transcendental imanente” (p. 14).

Independentemente da via teórica adotada pela autora e de uma avaliação de suas implicações para a análise, por vários motivos as considerações sobre o “cristianismo descolado” se revestem hoje per se de uma importância social destacada. Não restam dúvidas, após a leitura do artigo, de que o trabalho de Cristina Rocha é merecedor de observação, sobretudo pela relevância contida por ele em uma época de profundas transformações quanto às formas de ser cristão e ser religioso no Brasil e em outros lugares do mundo. Atente-se aqui, não obstante, às nomenclaturas utilizadas para fazer esse entrecomentário: cristão e religioso. Ao passo que se multiplicam, nas pesquisas acadêmicas e na opinião pública brasileira, as discussões sobre os “evangélicos”, seu crescimento numérico e sua incidência no espaço público, com foco nas suas relações com a política, também é cada vez mais reiterada a necessidade de se ultrapassar certas generalizações e se

³ Vale citar que “religião material” equivale a *Material Religion*, nome do periódico (ligado a essa abordagem) em que Rocha publicou a primeira versão, em inglês, do texto aqui colocado em apreciação (Rocha, 2021).

⁴ O arcabouço conceitual de Meyer é muito bem mobilizado por Rocha em seu artigo. Textos de Meyer traduzidos para a língua portuguesa podem ser encontrados na coletânea organizada por Giumbelli, Rickli e Toniol (2019).

pisar em “chão” mais firme para tratar de grupos cristãos que se dispõem de formas bastante diferenciadas, nos mais variados sentidos (Cunha, 2022; Spyer, 2020).

É precisamente sobre esse ponto que pretendo tecer minha contribuição a esta seção de comentários ao texto de Cristina Rocha. Enfatizarei uma espécie de invisibilidade do religioso que perpassa o “cristianismo descolado” na sua conformação como um estilo de vida juvenil. Esse aspecto contribui para a construção de uma identidade – não só juvenil – que, sugiro, ultrapassa a noção de religião, associando-se a um cristianismo que dela prescinde. Ao investir nessa senda, procuro reunir a breve reflexão proposta nestas páginas ao trabalho de Cristina Rocha e a questões com que tenho me deparado em minhas próprias pesquisas. Divido o comentário a seguir em duas partes. Na primeira, procuro enfatizar a dimensão material do “cristianismo descolado”, tal qual suscitada por Rocha em seu diálogo com Birgit Meyer, a partir da identificação de lacunas ainda existentes; na segunda, avanço em direção a um outro tema que me é caro, o *coaching*, entendendo que sua conformação como prática entrelaçada com o “cristianismo descolado” suscita a possibilidade de discutirmos a emergência de um cristianismo não religioso.

DA MATERIALIDADE DO “CRISTIANISMO COOL”: OUTRAS LACUNAS A EXPLORAR

As pesquisas de Cristina Rocha sobre a megaigreja australiana *Hillsong* remontam a um período anterior à coleta de dados indicada como originária do artigo publicado (Rocha, 2013). Àquela época, a antropóloga se dedicava principalmente às dinâmicas de transnacionalização dessa igreja, tema que jamais desapareceu de sua agenda particular. O amadurecimento dos interesses de pesquisa de Rocha na última década parece ter sido acompanhado da busca por uma conceptualização do que ela passa agora a nominar “cristianismo descolado”. No transcurso desse tempo, o modelo eclesial preconizado pela *Hillsong* ultrapassou barreiras nacionais e continentais e

se consolidou em igrejas e ministérios de jovens no exterior. Um exemplo disso é a Brasa Church, comunidade de jovens batistas em Porto Alegre a que dediquei minha dissertação de mestrado (Aguiar, 2020). Ao destacar a adoção de uma estética da adoração inspirada em igrejas como a Hillsong por aquela juventude, busquei compreender como as materialidades medeiam e unem um estilo musical específico – o *worship* –, uma tendência de culto e uma cultura de adoração específicas. Os trabalhos de Cristina Rocha foram fundamentais para compreender a influência do modelo capitaneado pela Hillsong sobre a Brasa Church, embora não contivessem, naquele momento, um diálogo estruturado com a religião material.

Um dos aspectos que mais despertaram minha atenção na Brasa Church foi justamente a formatação do culto sob uma proposta modernizante, de “excelência” na disponibilização de elementos tecnológicos no templo que aproximavam o culto de um espetáculo e os fiéis de uma “experiência” de encontro com o divino marcada pela ideia de conforto; característica esta que efetivamente marca a particularidade da Hillsong no meio evangélico global e se localiza na origem das descrições de Cristina Rocha sobre o “cristianismo descolado”, em consonância com a expansão da popularidade dessa igreja por meio de seus ministérios musicais de estilo *worship*. Naquele contexto de campo específico, as mediações materiais promovidas no culto por telões de *led*, luzes giratórias de festa, fumaça artificial, *headsets*, câmeras de filmagem e instrumentos musicais de última geração, entre outros elementos, eram organizadas segundo estruturas autorizadas de poder na comunidade religiosa. Essa constatação serviu de amparo a uma conversa com os conceitos meyerianos de “formação estética” e “forma sensorial”, ambos referidos a uma disposição política da materialidade e a uma noção política de estética. Ocupava-me sobretudo a observação da operação ritual dessas mediações, através da ação de sons e luzes e da movimentação de corpos nos cultos. No âmbito institucional, destacavam-se tensões entre um cristianismo menos “religioso” preconizado pelos jovens e a tomada de posição, por parte de setores mais antigos e conservadores da igreja,

em favor de um estilo de culto mais tradicional e condizente com certa memória resguardada pela comunidade religiosa.

Rocha propõe uma abordagem material da religião aplicável a aspectos que não estão restritos ao culto e ao templo, como o uso de vestimentas e sapatos e o enquadramento de pastores e fiéis em um modelo de celebridade e “celebridização” que ganha grande parte de seu fôlego em uma circulação de concepções simbólicas que acontece pelas mídias digitais. O desafio, portanto, é metodológico: como rastrear essas mediações materiais que extrapolam os lugares de culto e a presencialidade, se estendendo ao cotidiano vital e ao nível do *online*?

Ao fim e ao cabo, pergunto-me de que forma é possível estabelecer parâmetros de avaliação para os limites da influência da indústria da moda e da cultura de celebridades na vida dos cristãos que aderem ao “cristianismo descolado”, por exemplo. As materialidades acionadas e vividas pelos jovens, sejam roupas com marcas e símbolos cristãos, sejam fotografias e *posts* publicados em redes sociais, são tangíveis até o ponto em que sabemos algo de sua origem, de suas configurações práticas e das motivações enunciadas para seus usos quando acompanhamos os indivíduos que os articulam na prática religiosa extraordinária. Porém, o que sabemos desses objetos e artefatos quanto à prática ordinária, que não cabe precisamente no domínio da religiosidade? A pergunta cabe a Rocha e a todo/a aquele/a que se propõe ser desafiado por ela, inclusive o autor deste comentário. Olhando em retrospectiva, percebo que meu próprio trabalho enfatiza a dimensão da ritualidade como um *locus* privilegiado da articulação material da estética da adoração, enquanto é razoável supor que a operação ritual do culto não contenha todas as respostas para as questões que proponho. Menos mal; temos por aí o benefício de mais perguntas abertas. Um auxílio no enfrentamento criativo desse desafio talvez seja encontrado em Coleman (2006), que demonstra que a gestação de realidades ocorre no pentecostalismo – também materialmente, posto seja – com o ânimo da força pneumática

do Espírito Santo. Mas seria o Espírito Santo o veículo pelo qual agem a indústria da moda e a cultura de celebridades?⁵

Uma outra questão, diretamente relacionada a essa, tem a ver com a necessidade da proposição de definições de indústria da moda e de cultura de celebridades que não tratem essas categorias como substancialmente seculares. Ou seja: não as lancem no substrato de um secular que se separa do religioso – ou daquilo que a ele faça referência. Creio que Engelke (2013) nos ajuda a pensar nesse ponto com mais propriedade. Em seu livro "*God's Agents*", o antropólogo analisa algumas das atividades desenvolvidas pela *British and Foreign Bible Society*, uma organização de divulgação da Bíblia com forte atuação na Inglaterra. Atingir a cultura e influenciar a sociedade por meio de princípios bíblicos é um objetivo central para este grupo de protestantes, promotor de eventos e campanhas em cidades inglesas e em outros países. Uma das iniciativas acompanhadas por Engelke consistia na distribuição de charadas inspiradas em passagens da Bíblia em vários espaços da cidade de Manchester. Respondendo às charadas, era possível concorrer a um prêmio cujo valor seria doado a uma instituição de caridade escolhida pelo vencedor. Ao elaborar ações como esta, a Sociedade Bíblica não teria a intenção de converter pessoas por um esforço proselitista, mas de levar a Bíblia para a cultura, tornando pública a sua presença. A publicidade da Bíblia se torna, portanto, um fulcro por onde passam relações cristãs com a cultura. É a partir desta categoria que o autor desperta um debate sobre a noção de religião pública. Mas, ao invés de reafirmar a ideia de uma religião pública pelos discursos sobre cultura, ele trata de investigar quais são

⁵ De certa forma, Meyer (2018) também se coloca uma questão similar, ao indagar sobre o lugar da persuasão na religião material e dizer que sua intenção, em relação ao corpo como materialidade, “não é celebrar o corpo sensível como um local portátil da verdade”, mas “mostrar como o corpo e as sensações estão sujeitos a poderosas (e concorrentes) formações político-religiosas” (p. 14). Minha leitura é a de que a religião material tem de lidar com a questão da territorialização, ou do lugar da materialidade, para se manter ativa enquanto proposta teórica viável. De onde algo parte? Para onde algo vai? Acompanhar o fluxo é importante, mas explicá-lo ainda é indispensável.

as condições de publicidade da religião e como acontecem as mediações entre a Bíblia e a cultura, materializando essa publicidade.

Percebo no trabalho de Rocha uma determinada incongruência entre o religioso e o secular que se manifesta em uma cisão entre a indústria da moda e a cultura de celebridades, por um lado, e o “cristianismo descolado”, por outro. É como se a religião dos jovens cristãos ainda fosse afetada pelo mercado, pela mídia e pelo que desses âmbitos seria proveniente. Longe de ser um defeito do artigo, esta cisão é antes uma virtude dele. Pois é somente na visibilização da incongruência que podemos refletir sobre os limites e as possibilidades do empreendimento analítico antropológico. Pela mencionada cisão refiro-me à própria passagem das lógicas seculares da moda e do entretenimento para uma lógica nutrida pela religião. O cristianismo só se torna “cool/descolado”, aparentemente, quando incorpora essas fundamentações que lhe seriam alheias. E, no entanto, o cristianismo está exatamente onde o que chamamos de religião é cada vez menos identificado com um cristianismo religioso e mais com um cristianismo não religioso.

DA INVISIBILIDADE DO RELIGIOSO E DO CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: OUTRAS QUESTÕES A ABRIR

O efeito mais visível do “cristianismo descolado”, no tocante à produção dessa cisão entre o religioso e o secular que toma parte em seu seio, é a produção de uma invisibilidade do religioso. A indústria da moda, a cultura de celebridades e a estética calcada em culturas juvenis seculares parecem substituir o que havia de mais religioso nas igrejas. Estas passam a realizar seus cultos em teatros, cinemas, auditórios, ginásios e/ou grandes salas alugadas com paredes pretas e boa estrutura acústica. O culto passa a prescindir do templo tal qual o conhecíamos. Exemplo disso é a Brasa *Church*, anteriormente aludida, que meses após a finalização de minha dissertação de mestrado já não realizava mais cultos no templo da igreja a que o ministério de jovens pertence, mas no auditório de um hotel e, posteriormente, em

um dos maiores teatros de Porto Alegre. Teria ido parar nesses lugares o religioso territorializado, especializado, ou o lugar do religioso?

Sem dúvida alguma, a geografia das religiões é um campo para onde podem convergir profícuos debates sobre a religião material, considerando-se propositivo o desafio de lidar com a dimensão relativa ao lugar do religioso, ao seu território e à sua espacialidade, no contexto das práticas religiosas vividas. Um importante esforço dispendido nesse sentido é o de Frédéric Dejean (2020), que procura abordar a trama urbana em que as igrejas evangélicas em Montréal se inserem a partir da ideia de “regime de visibilidade” tratada por Lussault (2003). Para Dejean, o processo de espacialização de igrejas muito semelhantes às enquadradas por Cristina Rocha no âmbito do “cristianismo descolado” segue, na metrópole quebequense, uma “lógica de invisibilização”. Esta consiste em erigir estrategicamente igrejas que não se parecem com igrejas, justamente para negar uma aparência externa que as identifique enquanto tal e se aproximar de um público juvenil que, de outro modo, não se aproximaria de uma instituição religiosa. Reside nesse elemento geográfico um ponto interessante a ser explorado, em conexão com uma abordagem material da religião preocupada com a questão do lugar. Configurações espaciais e regimes sensoriais, inclusive de visibilidade, integram uma agenda de pesquisa que pode nos levar a questões mais amplas (Giumbelli e Aguiar, 2020). Ao destacar a emergência de um cristianismo moldado por culturas juvenis seculares, a espacialidade do “cristianismo descolado” revelaria uma espécie de acomodação do religioso ao secular, ou uma tendência de secularização? Que materialidades confirmariam ou desmentiriam essa grande substituição?

Novamente, as questões abertas tomam proeminência diante das respostas prontas. De resto, temos mais algumas pistas que nos direcionam à observação da cisão religioso/secular e às formas pelas quais ela é estabelecida. Quando referências são feitas no debate público sobre as megaigrejas e seu estilo de cristianismo, a primeira reação que geralmente surge é a de um espanto com a espetacularização que advém da introdução de tecnologias e aparatos ligados a *shows* e espaços seculares no culto. Muitos – inclusive

religiosos – não conseguem ler esses cultos como religiosos, como Rocha deixa evidente ao retomar as críticas de McCracken ao “cristianismo *hipster*” (2010, p. 17). A segunda reação, também marcada pelo espanto, ocorre quando polêmicas tomam lugar em um domínio associado ao religioso, mas supostamente subvertido por lógicas seculares que o contaminam. Outra não deve ser a razão pela qual megaigrejas como a *Hillsong* correm o sério risco de desaparecer se seus escândalos saírem do controle, como alerta o historiador do protestantismo Sébastien Fath em entrevista a Youna Rivalain (2022). O perigo da “contaminação” e a persistência da cisão são reais, ainda que se diga o contrário. Para vários jovens do “cristianismo descolado”, trata-se de uma questão de olhar para a cultura e para a sociedade com os olhos “do Reino” – para retomar uma expressão muito utilizada na Brasa *Church* – e transformar os espaços do profano, governados pelo diabo, em instrumentos de vocalização do Evangelho, pondo-os a serviço do Reino de Deus. Mas as coisas se complicam quando a religião passa a ocupar posição de governo, assumindo diálogos e responsabilidades sociais que não se restringem a um grupo religioso específico. Estaria ciente disso uma parcela considerável de evangélicos brasileiros que passou, de forma pública, a construir discursos e a nominar suas pautas como cristãs, ao invés de evangélicas ou religiosas?

Evidência disso é o surgimento e propagação, nos últimos anos, de práticas e concepções de *coaching*⁶ alimentadas por atores, linguagens e referenciais cristãos no Brasil. Dediquei a esse tema minha tese de doutorado (Aguiar, 2024), resultado de uma pesquisa que afere a presença de treinamentos de *coaching* em igrejas, prisões e corporações de segurança pública no país. Em diversos âmbitos relativos ao *coaching*, a cisão entre o religioso e o secular também é disposta de formas variadas; ora invisibilizando o

⁶ *Coaching* é um processo de desenvolvimento pessoal e profissional no qual um *coach* (treinador) auxilia o *coachee* (cliente) a alcançar objetivos específicos, superar desafios e desenvolver habilidades. O *coaching* pode ser aplicado em diversas áreas da vida pessoal, incluindo carreira, negócios, espiritualidade, esportes e saúde.

religioso, ora hipervisibilizando-o. Um dado ilustrativo desse movimento é a proposição da agenda política do “governalismo” pela pré-candidatura do coach Pablo Marçal à Presidência da República, em 2022. A postulação de Marçal ao pleito foi inaugurada em um evento denominado “O destravar da nação”, que reuniu cerca de 20 mil pessoas na tarde de 1º de maio de 2022 em um estádio de futebol em Barueri, na região metropolitana de São Paulo. O ajuntamento mesclou as formas de um comício, de um treinamento de *coaching* e de um *show* gospel. Ingressos foram vendidos como entrada e o valor foi revertido para o financiamento da pré-candidatura de Marçal. Cantores e bandas reconhecidos no universo da música gospel, como David Quinlan e Casa *Worship*, e assessores e lideranças do então partido de Marçal, o PROS⁷, se intercalaram no palco por mais de sete horas, durante as quais o público presente no estádio orava, cantava e ouvia palestras sobre temas como inteligência emocional e empreendedorismo⁸. Vestindo uma camiseta da seleção brasileira de futebol, portando um boné de Ayrton Senna e envolto por uma bandeira do Brasil ao longo de todo o evento, Marçal foi apresentado como pré-candidato do PROS ao Executivo federal, embora o partido estivesse naquele momento dividido por rachas internos e a definição de sua diretoria dependesse de um processo de judicialização em curso⁹. Explorando ao máximo as cores da bandeira

⁷ Partido Republicano da Ordem Social. Em fevereiro de 2023, após não alcançar a cláusula de barreira nas eleições gerais de 2022, o PROS foi incorporado por outro partido, o Solidariedade. Ver: CNN Brasil. “TSE aprova fusão entre Pros e Solidariedade”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-aprova-fusao-entre-pros-e-solidariedade/>. Acesso em: 01/06/2024.

⁸ Conferir a íntegra do evento em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kgdNnK6Djo>. Acesso em: 01/06/2024.

⁹ SBT News. “Em meio a racha, PROS lança pré-candidatura de Pablo Marçal a presidente”. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/eleicoes/207000-em-meio-a-racha-pros-lanca-pre-candidatura-de-pablo-marcal-a-presidente>. O presidente do PROS à época do evento, Marcos Holanda, apoiava a pré-candidatura de Pablo Marçal. No entanto, com o parecer favorável da Justiça Eleitoral a um processo de retomada da

nacional e com um discurso emitido em tom patriótico, o *coach* apresentou suas ideias para conduzir o Brasil através do que chamou de “governalismo”. Tratava-se, em linhas gerais, da exposição de uma agenda política que unia pressupostos gerais do *coaching* a conceitos do liberalismo econômico e a um conservadorismo moral de apelo religioso.

Para o Brasil prosperar, segundo Marçal, seria necessário “destravar” os seus cidadãos e “ativá-los” como líderes e “governantes” de si mesmos, fazendo com que assumissem uma mentalidade empreendedora e passassem a ser fonte de riqueza para o país. As suas primeiras ações como presidente seriam criminalizar o aborto sob qualquer circunstância, tipificando-o no Código Penal como homicídio, e encaminhar ao Congresso um projeto de lei que decretaria “não ser mais proibido prosperar no Brasil” (sic). O câmbio de mentalidade preconizado pelo *coach* assumiu diversas vezes em seu

direção nacional do partido por seu ex-presidente, Eurípedes Júnior, a pré-candidatura foi retirada, sendo oficializado o apoio do partido à chapa de Lula (PT). Ver: CNN Brasil. “Pros retira candidatura de Marçal e anuncia apoio a Lula”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pros-retira-candidatura-de-marcal-e-anuncia-apoio-a-lula/>. Diante do impedimento, Marçal se candidata a deputado federal por São Paulo e é eleito com mais de 240 mil votos (uma votação maior que a de Marina Silva, Baleia Rossi, Marco Feliciano e outros políticos tradicionais), mas sua candidatura é indeferida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por insuficiência de documentação. Ver: Câmara dos Deputados. “TSE indefere candidatura de Pablo Marçal (Pros); vaga passa a ser ocupada por Paulo Teixeira (PT)”. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/916291-tse-indefere-candidatura-de-pablo-marcal-pros-vaga-passa-a-ser-ocupada-por-paulo-teixeira-pt/>. Recentemente, Marçal se filiou ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) e se lançou pré-candidato à prefeitura de São Paulo, retomando sua tentativa de ingressar na carreira política. O coach já alcançava o terceiro lugar e mais de 10% nas intenções de voto para a eleição majoritária de outubro de 2024 na capital paulista, de acordo com pesquisa Atlas/Intel divulgada em 28/05/24. Ver: UOL. “Quem é Pablo Marçal, coach e pré-candidato à Prefeitura de São Paulo”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/05/28/quem-e-pablo-marcal-coach-pre-candidato-a-prefeitura-de-sao-paulo.htm>. Acesso a todos os links: 01/06/2024.

discurso a forma de uma metanoia, expressão do grego antigo, presente na Bíblia, que remete às ideias de conversão, arrependimento e transformação do pensamento e das atitudes. Na vinculação da ideologia do “governalismo” a um “ato profético” através do qual Marçal afirmava ter sido escolhido por Deus como o próximo presidente da República, as tarefas de “destravamento” e “desbloqueio” dos indivíduos eram por ele assumidas como um projeto político e como um desígnio divino para a nação. Seria da vontade de Deus, tal qual revelada a Marçal, que o Brasil sob seu comando se tornasse um país “nem capitalista, nem socialista”, mas “governalista”. Na esteira desse sistema “nem de esquerda, nem de direita, mas do alto” – segundo a classificação dele próprio – indivíduos “ativados” para seus propósitos de sucesso empreenderiam e guiariam o crescimento econômico, inaugurando uma época de prosperidade em que o Brasil alcançaria, até o ano de 2032, os índices de país mais rico e desenvolvido do mundo. O “governalismo” estabeleceria, dessa forma, a extensão de um governo de si ao conjunto da sociedade, com efeitos sociopolíticos e econômicos que partiriam de uma determinada lógica cristã da prosperidade.

Em uma entrevista concedida ao canal de jornalismo de política “O Antagonista”, em maio de 2022, Marçal declarou não ser adepto de uma religião e se definiu simplesmente como cristão. Após ser instado diversas vezes pelo entrevistador sobre “mesclar” política e religião em sua atuação como *coach*, ele respondeu taxativamente: “Não mesclo. Esse é meu *lifestyle*. Eu sou cristão. Só que eu não defendo religiosidade”. Esboçando ainda certa incompreensão, o jornalista depurou a pergunta: “Você é evangélico?”. Novamente a negativa: “Não sou evangélico”. Uma última tentativa de classificação foi então feita: “Católico?” E o *coach* finalmente arrematou: “Sou cristão. Não tenho religião. Cristianismo não é religião. É um *lifestyle*, um estilo de vida”¹⁰. Para além do rechaço ao rótulo religioso, Marçal

¹⁰ A entrevista pode ser conferida em sua íntegra em: O Antagonista. “Claudio Dantas entrevista Pablo Marçal - PAPO ANTAGONISTA”: <https://www.youtube.com/watch?v=soGYKciEyYY>. Acesso em: 01/06/2024.

atribuí ao cristianismo um estatuto de estilo de vida. O *lifestyle* cristão é por ele tomado como um modo de pensamento englobante, um componente central de sua identidade pessoal e, portanto, um elemento indissociável de suas práticas de *coaching*. Nem o trabalho como coach é definido por Marçal a partir de uma identidade religiosa, nem tampouco sua candidatura; o cristianismo-*lifestyle* é concebido em uma negação da ideia de religião e em uma aderência a uma sorte de componente ontológico que opera como perspectiva global do indivíduo, aplicando-se ao desenvolvimento pessoal e à política. Sugiro que é exatamente por se configurar como um estilo de vida que o cristianismo de Pablo Marçal não depende de uma identificação com uma denominação ou uma doutrina religiosa para funcionar em conjunto com o *coaching* e com o projeto político do “governalismo”. Isso ocorre porque tal concepção se desenvolve em uma apropriação muito particular dos significados sobre o que seja cristão, resultante da dinâmica de pluralização da composição das trajetórias religiosas individuais na contemporaneidade (Hervieu-Léger, 2008). Nesse contexto, as identidades transmitidas pela tradição e a pertença denominacional não ocupam mais o peso de outrora, cedendo espaço à flexibilidade nos modos de construção das biografias e dos percursos individuais. Como consequência atrelada a esse fenômeno social, a relação com o religioso passa às vezes a prescindir da própria religião.

As ideias que subjazem as formulações do cristianismo não religioso de Pablo Marçal e do cristianismo como estilo de vida do “cristianismo descolado” têm algum lastro de correspondência. Sua relacionalidade reside em um jogo de aproximação e distanciamento entre o religioso e o secular. No caso do *coaching*, esse jogo pende para um apagamento das fronteiras do religioso em espaços seculares, como prisões e corporações de segurança pública, ou mesmo no investimento de Pablo Marçal na carreira política e na agenda do “governalismo”, e em um reforço da distinção dessas fronteiras no bojo de igrejas e dinâmicas eclesiais. Por seu turno, o “complexo industrial moda-celebridade-megaigreja” descrito e analisado por Cristina Rocha tem como característica a sua modelação a partir de referenciais das

culturas juvenis seculares. À primeira vista dos argumentos apresentados, o secular é, efetivamente, o lugar onde se encontram situadas a indústria da moda e a cultura de celebridades enfatizadas pela autora. A questão é reposta, no entanto, quando nos voltamos a perceber as articulações materiais dessas lógicas específicas com o “cristianismo descolado”. A moda e o entretenimento saem, então, de um horizonte secular distante e se aproximam do religioso – ou seja, daquilo que tentamos definir quando falamos da vida cotidiana de cristãos e do cristianismo –, transfigurando-o por meio da formatação de um estilo de vida, ou de uma identidade cristã que não é subsidiária da ideia de religião. Tenho por mim, ao ler Rocha mais uma vez, que o “cristianismo descolado” é uma das facetas possíveis de um cristianismo não religioso que não se detém às juventudes evangélicas, mas que se movimenta para lá e para cá no quadro dialético do religioso e do não religioso, instigando tentativas de classificação que desvelam um quase novo cristianismo debaixo do sol.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Taylor de. *A “cultura” para o Reino: materialidades e sentidos da adoração em uma juventude evangélica de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

AGUIAR, Taylor de. *Cristianismo não religioso: uma etnografia do coaching em igrejas, prisões e corporações de segurança pública no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2024.

COLEMAN, Simon. Materializing the self: words and gifts in the construction of charismatic Christianity identity. In: CANNEL, Fennela (Ed.). *The anthropology of Christianity*. Londres: Duke University Press, p. 163-184, 2006.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Evangélicos na política brasileira*. São Paulo: Almedina Brasil, 2022.

DEJEAN, Frédéric. De la visibilité des lieux du religieux en contexte urbain : l'exemple des églises protestantes évangéliques à Montréal. *Studies in Religion / Sciences Religieuses*, v. 49, n. 3, p. 408-431, 2020.

ENGELKE, Matthew. *God's Agents: biblical publicity in contemporary England*. Berkeley: University of California Press, 2013.

FATH, Sébastien. *Dieu XXL. La révolution des megachurches*. Paris: Éditions Autrement, 2008.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

GIUMBELLI, Emerson; AGUIAR, Taylor de. Configurando espaços, produzindo sensações: arquiteturas, materialidades e formas devocionais em dois templos cristãos. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 147-163, jul./dez. 2020.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

INGALLS, Monique; LANDAU, Carolyn et al. (Orgs.). *Christian congregational music: performance, identity and experience*. Farnham: Ashgate, 2013.

LUSSAULT, Michel. Visibilité (régime de). In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Orgs.). *Dictionnaire de géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003.

McCRACKEN, Brett. *Hipster Christianity: when church and cool collide*. Grand Rapids: Baker, 2010.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 13-45, ago./dez. 2018.

RIVALLAIN, Youna. Sébastien Fath : Il n'est pas impossible que l'Église Hillsong disparaisse d'ici quelques années. *La Vie*, [s. l.], 27 abr. 2022.

ROCHA, Cristina. Transnational pentecostal connections: an Australian megachurch and a Brazilian church in Australia. *Pentecostudies*, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 62–82, 2013.

ROCHA, Cristina. Cool Christianity: The Fashion-Celebrity-Megachurch Industrial Complex. *Material Religion*, Londres, v. 17, n. 5, p. 580-602, 2021.

ROCHA, Cristina. O "cristianismo descolado": o complexo industrial da moda-celebridade-megaigrejas. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 24, n. 45, p. 1-38, 2024.

SANDLER, Lauren. *Righteous: dispatches from the Evangelical youth movement*. Nova Iorque: Viking, 2006.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

Recebido em: 03/06/2024

Aprovado em: 19/06/2024